

O DESAFIO DA MEDICALIZAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Mariana Macedo Alvim¹

Nos países industrializados, a sociedade tem transferido para a área médica os problemas inerentes à realidade subjetiva e social das pessoas e a obsessão por uma saúde perfeita tornou-se um fator patogênico predominante. Testemunha-se a criação de uma dependência da medicina que incapacita a pessoa de cuidar de si mesma, além de diminuição da tolerância ao sofrimento e mal-estar.¹

Os indivíduos estão cada vez mais definindo suas vidas em termos de uma existência médica, biológica e cognitiva. Administrar o próprio corpo, evitar a obesidade, preocupar-se com o declínio cognitivo e fazer exercícios físicos, por exemplo, são práticas que objetivam responder aos modos de vida definidos pela medicina e pela biologia.²

A manipulação e a transformação da natureza humana pela tecnologia biomédica estão aumentando. Maduro considera que estamos vivendo em uma sociedade que está se tornando cada vez mais biônica, ou seja, a biologia e a genética são vistas como as principais forças que afetam a vida humana, com fatores sociais desempenhando um papel menor. A medicalização e os seus desenvolvimentos são os principais componentes da sociedade biônica de hoje.³

O conceito de medicalização busca compreender e analisar criticamente o envolvimento da medicina na gestão da sociedade.⁴ A medicalização pode ser compreendida como uma forma de controlar a sociedade, como um processo de transformação de problemas anteriormente não considerados médicos em problemas médicos, usualmente sob a forma de transtornos ou doenças.⁵

As consequências da medicalização são amplamente vistas como negativas tanto para os indivíduos como para a sociedade: tornar patológico um comportamento normal torna os indivíduos controlados por profissionais médicos ou por modelos de cuidados, descontextualizando experiências e despolitizando problemas sociais.⁶

O crescimento no uso de medicamentos em muitos países nos últimos anos tem sido visto como uma evidência clara de farmacologização.⁷ Esse novo conceito é necessário para capturar a crescente importância da indústria farmacêutica como uma forma específica de medicina,

além da medicalização.⁸ A farmacologização caracteriza-se¹ pela transformação das condições, capacidades e potencialidades humanas em oportunidades de intervenção farmacêutica. O uso de soluções farmacêuticas para tratar problemas de saúde difunde-se cada vez mais.⁹

A farmacologização se distingue da medicalização por não estar necessariamente ligada a algum tipo de diagnóstico médico, como, por exemplo, na utilização de medicamentos sem indicação terapêutica. A farmacologização reforça a ideia de que *para cada mal há um comprimido*, criando relações diretas da indústria com consumidores e a colonização da vida humana pelos produtos farmacêuticos.⁵

Quando se usa uma substância farmacológica e não se consideram os fatores sociais e políticos em que o paciente está envolvido, faz-se uso da medicação meramente como um instrumento capaz de restituir aos indivíduos as possibilidades de viver plenamente as sensações, ou mesmo para prepará-los para os estresses do cotidiano. Nesse caso, o medicamento possui o objetivo de corrigir uma pretensa alteração relativa àquilo que se considera a sanidade, mas não tematiza o que está em questão.¹⁰

Alguns medicamentos são usados extensivamente, aumentando os custos dos serviços de saúde e podendo ter consequências negativas para os indivíduos.⁷ A prescrição medicamentosa tornou-se quase que obrigatória nas consultas médicas, sendo sinônimo de boa conduta médica, justificando sua enorme demanda.¹¹ Atrelada à condição de que o atendimento médico deva resultar em cura ou alívio de algum mal está a expectativa de que isso somente será concretizado com uma intervenção medicamentosa. A expectativa do paciente, induzida pelo mercado, reforça a necessidade de o médico prescrever, minimizando a autonomia de ambos. Ao medicamento são delegados a restauração do estado normal, a potencialização das forças humanas e o alívio dos sofrimentos.²

O valor simbólico do medicamento, sustentado pela indústria farmacêutica, por agências de publicidade e empresas de comunicação, passa a representar um dos mais poderosos instrumentos para a indução e o fortalecimento de hábitos voltados para o aumento de seu consumo. A banalização da figura do medicamento faz com que o

¹ Farmacêutica. Mestre em Saúde Coletiva (UFJF).

mesmo passe simbolicamente a representar um bem de consumo e não um instrumento de saúde.¹²

Torna-se necessário descobrir como fazer funcionar uma ética da desmedicalização contra as práticas abusivas da farmacologização do corpo, como uso desnecessário de polivitamínicos, de antidepressivos, de inibidores do apetite, estimulantes da fome, restabelecadores da alegria, inibidores do cansaço, promovedores do sono e melhoradores da memória.²

REFERÊNCIAS

1. Cerecedo Pérez MJ, Tovar Bobo M, Rozadilla Arias A. Medicalización de la vida en la consulta: ¿hacia dónde caminamos? *Aten Primaria*. 2013; 45(10):536-40.
2. Silva CDC. Por uma filosofia do medicamento. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2015; 20(9):2813-24.
3. Maturo A. Medicalization: current concept and future directions in a bionic society. *Mens Sana Monogr*. 2012; 10(1):122-33.
4. Bell SE, Figert AE. Medicalization and pharmaceuticalization at the intersections: looking backward, sideways and forward. *Soc Sci Med*. 2012; 75(5):775-83.
5. Camargo Junior KR. Medicalização, farmacologização e imperialismo sanitário. *Cad Saúde Pública*. 2013; 29(5):844-6.
6. Clark J. Medicalization of global health 1: has the global health agenda become too medicalized? *Glob Health Action*. 2014; 7:1-6.
7. Busfield J. Assessing the overuse of medicines. *Soc Sci Med*. 2015; 131:199-206.
8. Gabe J. Pharmaceuticals and society: power, promises and prospects. *Soc Sci Med*. 2015; 131:193-8.
9. Williams SJ, Martin P, Gabe J. The pharmaceuticalisation of society? A framework for analysis. *Sociol Health Illn*. 2011; 33(5):710-25.
10. Rodrigues JT. A medicação como única resposta: uma miragem do contemporâneo. *Psicol Estud*. 2003; 8(1):13-22.
11. Medeiros EFF et al. Intervenção interdisciplinar enquanto estratégia para o Uso Racional de Medicamentos em idosos. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2011; 16(7):3139-49.
12. Lyra Junior DP et al. Influência da propaganda na utilização de medicamentos em um grupo de idosos atendidos em uma unidade básica de saúde em Aracaju (SE, Brasil). *Ciênc Saúde Coletiva*. 2010; 15 Supl 3:3497-505.